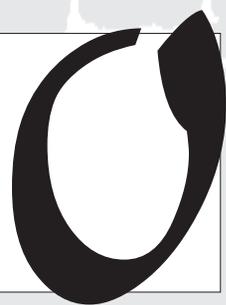


## DE MANÁ AO OIAPOQUE, A TRAJETÓRIA DE UMA MIGRAÇÃO



Povo Brasileiro. Os Índios. Eis o tema proposto. Por onde começar?

Optei por apresentar um texto “etnográfico”, um registro de acontecimen-

tos inéditos, mesmo inusitados, mas reveladores dos meandros da vida individual e da história dos povos (1).

Trata-se ainda de uma contribuição à etnologia das “Guianas” e do norte do Amapá, pouco conhecida entre nós, onde os grupos indígenas de diferentes procedências e origem cultural heterogênea vivem há muito tempo em contato permanente.

Chegando aos tão falados “500 anos”, uma pergunta, e tema de pesquisa, sempre instigante, seria o seguinte: o que motiva as pessoas, ou grupo de pessoas, a saírem de suas terras e migrarem para um país desconhecido?

Os motivos podem ser de ordem religiosa, como no caso de Jean de Léry; de ordem política, como no caso

# Outros viajantes

de Herbert Baldus, por causa de guerras ou ainda fugindo da fome. Por outro lado, alguns indivíduos são movidos por um ideal, um desejo de aventura, como Curt Nimuendajú, que aos dezenove anos deixa seu país para conhecer a América do Sul e os índios. E assim haveria muitos outros exemplos.

Eu mesma cheguei ao Brasil na década de 50, na época do *boom* da indústria automobilística, acompanhando meu marido e sem a mínima idéia do que me esperaria. Migrar não fazia parte dos meus planos.

**LUX BOELITZ VIDAL**  
é professora do  
Departamento de  
Antropologia da USP.

Este artigo foi apresentado durante o seminário em homenagem aos 100 anos do etnólogo Herbert Baldus em novembro de 1999 e será publicado com o título "Uma Saga Brasileira" na revista de Antropologia do Departamento de Antropologia da USP. Esta versão apresenta algumas modificações.

A pesquisa de campo entre os Povos Indígenas do Oiapoque contou com o apoio da Fapesp para o Projeto Temático: Sociedades Indígenas e suas Fronteiras na Região Sudeste das Guianas (Processo 95/0602-0).

1 Um *post-scriptum* descreve o ambiente no qual foi produzido o texto e realizada a pesquisa entre os Galibi-Kaliña do norte do Amapá.

2 Essa história encontra-se resumidamente mencionada em: E. Arnaud, *O Índio e a Expansão Nacional*, Belém, Edições Cejup, 1989; e *Povos Indígenas no Brasil 3. Amapá/Norte do Pará*, São Paulo, Cedi, 1983.

Quarenta anos mais tarde, em 1990, no extremo norte do Amapá, conheci monsieur Gérard Lod, chefe de um pequeno grupo de índios Galibi-Kaliña, instalados na aldeia de São José, à margem do Rio Oiapoque, do lado brasileiro, e provenientes da *riviere* Maná, na Guiana Francesa, fronteira com o Suriname.

De início não era a minha intenção trabalhar com o grupo, mas apenas conhecê-los, enquanto um dos povos indígenas que vivem na região do Oiapoque, norte do Amapá. Com o tempo, me encantei pelo lugar e fiz amizade com o senhor Geraldo, como é chamado aqui. Conversávamos muito, sempre em francês, sobre nossas respectivas vidas, as viagens, a política, os costumes e as razões que nos levaram, cada um de seu lado, a migrar e finalmente permanecer neste país. Um dia, devia ser em 1996, durante a minha terceira visita aos Galibi, Gérard Lod manifestou a vontade de falar, de contar. Eu não precisava mais pesquisar, podia me dar ao luxo de apenas escutar e, evidentemente, escrever.

Em 1950 Gérard Lod chegava ao Brasil com mais trinta e oito pessoas de sua família, devidamente autorizado pelo governo brasileiro para se instalar no Brasil (2).

As justificativas para migrar vão se diversificando com o passar do tem-

po, mas a razão profunda, no caso deste grupo Galibi, não foi a guerra nem a fome nem a pressão dos brancos, mas sim um grave e oculto desentendimento entre parentes afins. Segundo o sr. Lod, havia uma outra razão que era, naquela época, poder realizar um sonho de infância, a vontade de viver em um lugar que, na escola, lhe havia sido descrito como "*Le Pays des vrais Indiens*" por um professor francês. Numa outra ocasião Lod me contou que um gigante canibal, muito presente nas narrativas Galibi-Kaliña, teria fugido para o sul, em direção ao Brasil, e seria interessante saber por onde ele andava e que fim teria levado. Finalmente, não estava satisfeito com o sistema de educação desenvolvido junto aos índios na Guiana, mais um motivo para migrar.

Na verdade tudo começou em 1948 quando Gérard Lod, acompanhado de



um primo seu, chega em Saint Georges de l'Oyapock e em seguida em Oiapoque, cidade situada do lado brasileiro do rio. Através do contato com um funcionário do Serviço de Proteção aos Índios, os dois Galibi conseguem viajar em um vôo da FAB até Belém. Lá são recebidos, no próprio aeroporto, pelo então inspetor Eurico Fernandes, chefe do SPI, que lhes dá as boas-vindas, em francês, e a quem expõem o motivo de sua viagem, isto é, o desejo de migrar para o Brasil. Segundo Lod me contou, Eurico Fernandes se afastou alguns instantes para conversar com as autoridades e poucos minutos depois já estavam liberados e andando pelas ruas da cidade.

Lod tinha uma vontade: visitar a Praça Brasil onde havia e há, até hoje, uma bela estátua de um índio com arco e flechas na mão e um cocar na cabeça, figura nunca esquecida e que ele havia visto, em uma ocasião, num cartão-postal colorido, em Couachi, sua aldeia.

Após quinze dias de permanência em Belém, os Galibi detêm para eles e suas famílias a autorização formal para se instalar no país. Ficou ainda combinado que a viagem se efetuará num cargueiro brasileiro e sem nenhum custo para os índios.

Satisfeitos, Gérard Lod e seu primo voltam a Maná. Chegando em Couachi, na aldeia, contam aos familiares suas aventuras e o resultado de sua missão. Todos concordam em migrar e seguir o seu líder.

No dia da partida, no entanto, o governador de Caiena não autoriza o grupo a embarcar no navio brasileiro. Desde então, decididos mais do que nunca a deixar a Guiana, os Galibi dissidentes se empenham, durante mais de um ano, na construção de três grandes canoas a vela.

Finalmente, em junho de 1950, após carregar as naves de víveres e água, os Galibi descem o Rio Maná, onde ainda se despedem de amigos e parentes e depois saem pelo oceano em direção ao Brasil.

Em cada porto são saudados por uma multidão de curiosos e os *gendarmes* e *douaniers* ficam, literalmente, a ver navios, não podendo mais fazer nada para impedir o grupo de partir.

Ainda que provenientes de Maná, na Guiana Francesa, os índios Galibi consideraram-se brasileiros. É a nacionalidade que abraçaram, e dizem nunca querer sair das terras que ocupam no Oiapoque.

Nos anos 50 e 60, em várias ocasiões, as autoridades francesas trataram de convencê-los a voltar para a Guiana, mas eles nunca aceitaram a proposta.

Como resumidamente relatado acima, a história da migração deste grupo para o Brasil, após os desentendimentos com parentes afins na aldeia de origem, é uma saga bastante peculiar (3). Bem recebidos, na sua chegada, pelas autoridades brasileiras, sempre gozaram do apoio dos funcionários do SPI, como Eurico Fernandes, primeiro inspetor deste órgão na região, e Expedito Arnaud, um antropólogo, assim como da amizade dos militares estabelecidos em Clevelândia do Norte.

Muito orgulhosos de sua identidade Galibi ou Kaliña, como são chamados na Guiana Francesa, o grupo dos recém-chegados, entretanto, sempre desejou para seus filhos a inserção na sociedade nacional pelo estudo, o esforço e o trabalho. Os dois filhos mais velhos do sr. Lod são militares com uma carreira bem-sucedida na marinha e na aeronáutica. As suas filhas viveram durante vários anos com as famílias de oficiais de Clevelândia, deslocando-se com elas para Belém, Brasília e São Paulo, estudando e trabalhando, antes de voltar para o Oiapoque.

Após o falecimento dos mais velhos, o grupo manteve poucos contatos com os Galibi da Guiana Francesa. Entretanto, gostam de receber notícias de lá especialmente de seus parentes e amigos, muitas vezes transmitidas por um programa de rádio em Caiena.

Resumindo, a história dos Galibi do Oiapoque não foi muito diferente daquela vivida por outros grupos de imigrantes não-índios, quando chegavam ao Brasil. Segundo o sr. Lod, quando finalmente encostaram suas canoas, instalando-se nas terras que até hoje ocupam, no dia 13 de agosto de 1950, eles estavam exaustos, perdidos e deprimidos. Mas, seis meses depois, já

3 Após sucessivas visitas, entre 1990 e 1998, à aldeia dos Galibi e encontros com o senhor Geraldo Lod, estou escrevendo uma monografia sobre este povo a partir de depoimentos de seu líder.

# SEMPRE DEPOIS PARA

havia construído suas casas e plantado algumas roças. Amigos e vizinhos também os ajudaram (4).

Reconhecem, entretanto, que havia diferenças entre a Guiana Francesa e o Brasil com relação à política indigenista oficial e à tutela do Estado. Afirmam que chegaram aqui “totalmente desenvolvidos”, não precisando ser “pacificados” nem “civilizados”, uma das tarefas que cabia ao SPI com relação aos povos indígenas no Brasil, naquela época, o que lhes causava estranheza. Havia ainda diferenças culturais entre eles e os outros povos indígenas do Oiapoque.

Comparando com os Karipuna e Galibi-Marworno, eles se consideram índios verdadeiros, assim como os Palikur, por falarem uma língua indígena. Por exemplo, questionam o fato de *patois*, que eles também falam, ser considerado uma língua “nativa” pelos índios da região.

Lembram, até hoje, que na escola de freiras de Saint Joseph de Cluny, na Guiana Francesa, quem falava o *patois* recebia um castigo. Apenas as línguas indígenas e o francês eram permitidos (5).

Os Galibi também se diferenciam dos outros povos da região pelos costumes. Eles vivem segundo padrões bem definidos e um código de etiqueta muito elaborado, que começa pela higiene e cuidados com o corpo e a limpeza impecável da aldeia, das casas e mesmo das roças. São comportamentos que, além de seu efeito estético, evitam o contato com substâncias poluidoras ou entidades causadoras de desordem e doenças. Mesmo no preparo da comida, há uma preocupação constante em preservar a “pureza” dos alimentos.

As crenças religiosas, por sua vez, manifestam-se de forma diversa nos diferentes grupos do Oiapoque. Entre os Karipuna e Galibi-Marworno, prevalece um catolicismo popular, acrescentado de uma vertente progressista, engajada, devido à influência do Cimi, pelo menos até recentemente. O catolicismo dos Galibi é a chamada linha tradicional e há séculos incorporado às suas crenças e práticas.

O xamanismo continuava vivo até a década de 60, sendo os pajés Galibi reputa-

4 Alguns Galibi acabaram voltando para Maná, na Guiana Francesa.

5 Hoje na região do Oiapoque, os Karipuna e Galibi-Marworno, remanescentes das várias tribos do Baixo Amazonas, da Guiana e antigas Missões, falam o *patois* enquanto língua nativa. Os Palikur conhecem o *patois* mas não o consideram uma língua “nativa” que segundo eles só poderia ser indígena e não crioula. Este assunto precisa de esclarecimentos, para os próprios índios, sobre a história diferenciada de cada povo na região do Baixo Oiapoque, com relação ao contato com agentes da colonização, por um lado, e por outro, com relação aos esforços, em épocas mais recentes, de um resgate da identidade étnica.

dos e conhecidos entre todos os povos indígenas do Amapá, assim como também o eram os seus vizinhos, na outra margem do Oiapoque, os negros Saramaká de Tampac. Atualmente, entretanto, não há mais pajé atuando no grupo. Os emblemas do último *piaye*, o *pakará* e o *maráca*, estão devidamente guardados pelos Galibi. Porém, as crenças relativas ao universo xamanístico não se extinguíram. Mais uma vez, os Galibi afirmam que, comparados aos dos outros grupos, seus xamãs eram “verdadeiros” e competentes. O senhor Lod descreve minuciosamente os rituais de iniciação, as sessões de cura e de contato com os espíritos. Estes se dividem em duas categorias, os que vêm do alto, do céu, os anjos da guarda, sempre bons, e os espíritos da floresta e da água, perigosos, com os quais era preciso negociar. Para os Galibi, Deus fez tudo, sabe tudo e domina tudo, enquanto o xamã, por melhor que seja, apenas possui uma visão parcial do mundo, podendo sempre ter o seu caminho “fechado” por outro xamã mais poderoso. “Primeiro vem Deus depois o *maráca*.”

Antigamente, dizem os Galibi, os espíritos dos homens e dos animais, que eram gente no seu mundo, se comunicavam. Mas agora isso acabou. Segundo o sr. Lod, em algum momento “alguma coisa aconteceu”, houve uma ruptura e hoje eles não se comunicam mais. Isso teria acontecido devido à incompreensão dos colonizadores europeus com relação à sabedoria dos índios. Uma perda e uma pena, segundo ele.

Entretanto, os Galibi continuam acreditando que tudo na natureza tem dono, os animais e as plantas. Por isso agem com cuidados especiais nas suas atividades predadoras de caça, pesca e derrubada de árvores. Ou, como dizem em francês, “*il ne faut pas les vexer*”, maneira delicada de caracterizar as negociações que se travam entre os diferentes domínios do cosmo.

O calendário de festas também não corresponde ao dos Karipuna ou Galibi-Marworno. Não festejam o Divino Espírito Santo (Karipuna) e nunca foram adeptos do Turé indígena, segundo eles um ritual dos povos da floresta (*de la brousse*) e não

dos povos do litoral (*de la côte*). Antigamente as grandes festas eram os ritos funerários ou do fim do luto, que reuniam muitos dos grupos locais, onde se destacavam os cantos femininos e os tocadores de tambor.

Hoje, a maior festa é celebrada no último dia do ano, quando os que vivem fora da aldeia voltam para visitar seus parentes e quando amigos de outras localidades se unem aos Galibi para festejar, comer, dançar e beber caxixi. As outras festas são a de Santa Maria, em agosto, que era a grande festa em Maná, e a de São José, patrono da aldeia.

Atualmente, diferente de épocas passadas, os Galibi mantêm pouco contato com os militares de Clevelândia ou com as pessoas de Saint Georges ou Tampac. Entretanto, o sr. Lod, seus filhos e outros membros da aldeia sempre participam das Assembleias Gerais dos Povos Indígenas do Oiapoque, como representantes de sua etnia e membros plenos de um conjunto de povos que compartilham o mesmo território, os mesmos problemas e anseios. É nestas ocasiões que cada povo se posiciona. Procura-se consenso e estabelece-se um programa político, econômico e social que venha beneficiar a todos. Participam também, com os Karipuna, Galibi-Marworno e Palikur, de movimentos políticos e reivindicatórios importantes para eles.

Nestes últimos anos, especialmente após o falecimento de sua esposa, madame Caroline, o sr. Lod tem viajado muito e visitado vários estados, curioso em conhecer melhor o Brasil, a sua terra de adoção.

Por causa de sua história diferenciada e relativamente recente no Brasil, a estrutura social dos Galibi do Oiapoque é ao mesmo tempo típica dos povos Carib das Guianas e atípica por causa do isolamento com relação aos outros grupos Galibi-Kaliña, residentes no norte e litoral da Guiana Francesa.

Se a memória ainda é viva e se pela palavra podem, sem dificuldades, “contar” como os Galibi vivem e se organizam, a realidade na aldeia do Oiapoque, hoje, é totalmente diferente.

Os mais velhos, como o pai de Geraldo Lod, um grande xamã, e sua mãe, ceramista e exímia tecelã, faleceram há muito tempo.

Atualmente, apenas uma mulher ainda fia o algodão e sabe tecer as grandes redes brancas, típicas dos Galibi. Os numerosos e elaborados artefatos não são mais reproduzidos e ainda menos usados. “Para quê?”, pergunta o sr. Jean-Jaque. “Não há mais ninguém.” E realmente, para quê? Se o mundo de hoje e o de antes são irredutíveis. Os Galibi, com certeza não são índios de “fazer de conta”. Por outro lado, fabricar artesanato para vender é algo que nunca cogitaram. Os objetos dos quais precisam para as atividades de subsistência, como as peneiras, tipitis, cestos, viradores de beiju e abanos, evidentemente, eles continuam fabricando e mesmo um lindo fuso para fiar algodão. Mas as cuias pintadas e os raladores de mandioca eles encomendam aos Karipuna do Curipi.

A subsistência provém basicamente da agricultura. Todo homem Galibi que se preze tem uma roça bonita da qual cuida diariamente junto com sua família. Quando um Galibi fala de seu *abattis* ele disse tudo. Às vezes quem tem netos e sobrinhos já reserva, como herança, um pedaço de terra para eles.

Na aldeia Galibi há cinco roças plantadas, localizadas a poucos minutos das casas de seus donos. Os índios plantam mandioca, cará, batata, macaxeira, banana, abacaxi, milho, tomate e maracujá. Há inúmeras árvores frutíferas nas cercanias de cada casa, coco, abacate, laranja e tangerina, abiu e muitos cajueiros, além das imensas mangueiras que compõem a paisagem típica da aldeia.

A caça e a pesca compõem o resto da dieta alimentar. Atualmente, estas atividades são apenas desenvolvidas por dois homens na aldeia, o que restringe o seu consumo. Como os idosos recebem sua aposentadoria do Funrural, eles compram peixe de pescadores das imediações e carne de frango em Oiapoque, além de outros produtos alimentícios.

Duas especialidades dos Galibi merecem ser mencionadas. As *galettes* de mandioca, o pão indígena, feitos de mandioca ralada, mas nunca de puba, a farinha d’água, o que, segundo eles, as tornaria sem subs-

tância. É um tipo de beiju grosso. Quando bem-feitas, elas podem ser guardadas em lugar seco por muito tempo. O segundo item é o caxixi indígena, bem fino e de cor rosada devido a uma batatinha vermelha específica para o preparo desta bebida. Às vezes, o sr. Lod brinca e o oferece como sendo um *apéritif* ou *digestif*. O peixe defumado e ensopado com cará é também um prato típico, muito valorizado.

O núcleo familiar dos Galibi que chegaram da Guiana era composto de dois irmãos, Julien e Geraldo Lod, casados com duas irmãs, e de uma irmã dos Lod, casada com Joseph Jean-Jaque. Na Guiana Francesa Jean-Jaque vivia no Grand Village e os Lod em Couachi, duas localidades próximas. O avô dos Lod chamava-se Emile François Zacharie e era primo do Grand Emile (Abolé Emile), avô das esposas de Geraldo e Julien Lod.

Os índios que vivem na aldeia são os descendentes diretos destas famílias. Outra família é composta por uma terceira irmã das esposas dos Lod, casada com um professor aposentado, mas sem filhos. Fica evidente que segundo as regras matrimoniais Galibi, isto é, o casamento preferencial entre primos cruzados classificatórios, os jovens da primeira geração descendente ou ficariam solteiros ou se casariam com pessoas não-índias, o que de fato aconteceu. Esta situação não deve ter sido muito fácil para eles. Mas, hoje, os não-Galibi, casados na aldeia, estão muito bem integrados e são apreciados pelos mais velhos, seus sogros e sogras. Tradicionalmente, quando dois jovens pretendiam se casar, geralmente uma escolha já efetuada pelos pais, eles e suas famílias realizavam uma seqüência de atos ritualizados como a visita do noivo e seu pai aos pais da noiva, seguida da oferta do cigarro. Os jovens noivos eram submetidos a duras provas que comprovariam a sua competência como exímios agricultores, caçadores e artesãos, para os homens, e perfeitas fiadeiras de algodão, tecelãs, ceramistas e preparadoras de caxixi, para as moças.

Além do casamento os ritos de passagem mais importantes eram, para as moças, o resguardo após a primeira menstrua-

ação, quando eram informadas sobre o perigo inerente ao sangue menstrual que pode indevidamente atrair, pelo cheiro, os espíritos monstruosos aquáticos. Nestes períodos as mulheres não podem ir ao rio, à roça, cozinhar e nem preparar o caxixi.

Os rapazes passavam por um perigoso aprendizado e período de reclusão quando pretendiam tornar-se xamãs. Finalmente, os ritos de fim de luto eram a ocasião de reunir muita gente de diferentes grupos locais, e assim ao mesmo tempo que despachavam o espírito do morto, liberando-o para subir ao céu, os Galibi reconstituíam o seu mundo social e simbólico e de renovação cósmica.

Hoje, os ritos de passagem são outros, se bem que as crenças antigas ainda tenham o seu sentido e os seus valores preservados. Isto cria ambivalência positiva e etnicidade. As crianças passam pelo batismo e se preparam devidamente para a primeira comunhão. O sr. Geraldo Lod se orgulha de que seu casamento nos anos 40, em Maná, tenha sido o primeiro a ser celebrado ao mesmo tempo no civil e no religioso, segundo a fé católica. Os jovens, atualmente, precisam ainda vencer as etapas escolares, prestar, às vezes, concursos públicos e se preparar para a vida do trabalho, que consiste em atividades de subsistência tradicionais, acrescentadas de tarefas que permitam ganhar algum dinheiro; e em um preparo político que assegure a cada indivíduo e seu grupo autonomia e integração em redes de sociabilidade cada vez mais abrangentes.

Ainda que todos, na aldeia, tenham um bom grau de instrução, o líder dos Galibi se destaca pela capacidade e curiosidade intelectual. Seus conhecimentos da fauna e flora da região das Guianas são supreendentes. Em apenas dois dias ele enumerou, às vezes em quatro línguas diferentes, que são as que ele efetivamente fala, mais de 120 espécies de aves descritas com tal propriedade que os ornitólogos do Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo não tiveram, posteriormente, nenhuma dificuldade em identificar a maioria delas. Quando relata mitos e recorda modos de

perigos  
para

formação  
brasileira

vida dos antigos, ele não os considera como apenas sendo “histórias” do passado mas sim maneiras específicas de pensar, conhecer e se comportar, em suma, toda uma filosofia (6). O sr. Lod é um homem que estudou até o *Certificat d’Études*, o que corresponde ao nosso primeiro grau completo, e foi durante dez anos enfermeiro formado no hospital penitenciário de Saint Laurent e atuando em aldeias indígenas de Maná. Ele é culto, lê livros e revistas e ouve as notícias do rádio e da televisão todos os dias. As suas opiniões políticas são bem definidas. E, finalmente, é um apreciador da arte da conversação, que pratica com polidez e muito humor.

Voltando à estrutura social é preciso ressaltar que se a parentela dos Galibi do Oiapoque é numerosa, a maioria de seus membros vive fora da aldeia em diversas cidades do Amapá, Belém e Brasília. Na aldeia dois casais não têm filhos e mesmo o professor, um rapaz de Vigia, Pará, casado com uma Galibi, um casal com cinco filhos, será obrigado a se mudar para outra área no dia em que não houver mais alunos da primeira à quarta série, o que evidentemente acontecerá. Sempre poderão, entretanto, manter a sua casa na aldeia para os períodos de férias e aposentadorias.

E, assim, a aparente tranqüilidade da vida em São José dos Galibi reflete também uma certa melancolia. Mas, e com razão, o grupo Galibi do Oiapoque não precisa se preocupar com a perda de uma identidade indígena, no sentido de um processo irreversível, já que os Kaliña são numerosos e atuantes na Guiana Francesa. Mesmo no Brasil, ainda que estejam distanciados uns dos outros, pode-se dizer que os Galibi do Oiapoque formam uma rede familiar circunstancial, é verdade que dolorosa em certos momentos, todos conscientes, porém, de seus laços de sangue e lugar de origem.

Visto desta perspectiva, em 1950, os Galibi liderados por Geraldo Lod fizeram uma opção diferenciada, isolada e que não afetou os Kaliña como um todo, mas apenas eles mesmos e os seus parentes em Maná com os quais se desentenderam. Vivem de

acordo com a escolha que fizeram, uma diáspora assumida que lhes propiciou, com certeza, sossego, autonomia e o usufruto de terras férteis com boas matas e recursos naturais que souberam, com sabedoria, explorar e preservar.

## A ÚLTIMA JORNADA: SÃO JOSÉ DOS GALIBI – 25/8/98

Após uma pesquisa de campo extremamente difícil por causa da seca, do calor, das distâncias e da falta de conforto, especialmente em Kumarumã (7), retornar à aldeia dos Galibi foi como chegar novamente ao paraíso.

Como sempre, tudo muito limpo e tranqüilo. Tranqüilo demais?

Lod me recebe amável e distante, como esses reencontros costumam ser, e em seguida, como se nada estivesse acontecendo, volta a sentar-se à sombra de uma mangueira, dando continuidade ao seu trabalho. Ele está trançando com talas de arumã um cestinho para a sua filha Thérèse; depois, diz ele, fará ainda outro, uma encomenda de sua irmã Marie Egyptienne.

Desde a morte de madame Caroline, sua mulher, ele vive com Thérèse na grande casa, recém-construída por Grégoire, seu filho mais novo. A antiga moradia e o *cabé* (8) continuam em pé e servem essencialmente para guardar coisas. O interior da casa nova é muito limpo e bem cuidado, quase luxuoso, mas simples. A cozinha é o espaço mais habitado com a sua grande mesa no centro. Na sala de estar o quadro de Bruno (9), na parede; ainda me lembro do dia em que Laércio (10) e eu o trouxemos para cá, com o maior cuidado. Uma nova aquisição é a televisão e a parabólica. Lod e Thérèse assistem aos programas da Globo, o Jornal e o Globo Repórter, além da novela das oito.

Nos fins de semana, as filhas Lucila, Alexandra e Gilberta retornam de Oiapoque, onde trabalham e possuem casas. Grégoire, por sua vez, casou, tem um me-

6 Geraldo Lod me disse que o seu maior desejo seria que seus antepassados pudessem voltar para nos contar tudo o que sabiam e como os Kaliña viviam antigamente.

7 Aldeia dos índios Galibi-Marwano no Rio Uaçá, Amapá, onde havíamos realizado uma pesquisa sobre a avifauna local com dois ornitólogos do Departamento de Zoologia da USP, Luís F. Silveira e Renato G. Lima.

8 Casa de Farinha, palavra *patois*.

9 Bruno de Pádua, artista plástico paulista.

10 Laércio F. Dias, mestrando do PPGAS-USP.

nino e também vive em Oiapoque, onde conseguiu um emprego na Prefeitura. Nestes últimos anos Lod tem viajado bastante e visitado, por longas temporadas, o seu filho, oficial da aeronáutica em Brasília. De seu filho mais velho, oficial da Marinha que vive em Belém, ele fala menos.

Julien, irmão de Lod, vive do lado oposto da aldeia, como convém a dois irmãos. Com sua esposa Mathilde – irmã de Caroline e Marguerite – passam os dias trabalhando nas roças, descansando no pátio da casa e esperando a volta dos filhos e netos em épocas de férias e festas.

Joseph Jean Jaque e Marie Egyptienne estão também envelhecendo, quase sozinhos, não fosse a presença constante de Margarete e Nonato, sua filha e genro, que acabaram de construir sua própria casa nos fundos da aldeia. Jean Jaque, especialmente, está bem doente das pernas e quase cego. A vida para ele ficou penosa e amarga, ele que já foi um homem tão bonito, alto e forte. Guy e Marguerite continuam a viver na aldeia, uma casa simples e funcional, no meio de um jardim difícil de conservar em época de tanta seca. Vivem um pouco isolados, mas de vez em quando viajam, de férias, para Cayenne e Guadalupe. Marguerite e sua irmã Mathilde se visitam todos os dias e conversam em Galibi. A relação com Thérèse e Lod também é cotidiana e de ajuda mútua. Sinto, porém, que os cunhados ficam um pouco decepcionados com Guy, que não abriu ainda uma roça, dever supremo de um homem que se preza entre os Kaliña.

Perto do porto vivem os dois casais mais jovens da aldeia com um bando de filhos que de tarde, barulhentos e alegres brincam em frente as suas casas. Santa – filha de Xandoca de Santa Isabel (11) – e seu marido Miguel – filho de Jean Jaque – têm seis filhos, mas os mais velhos estudam em Oiapoque, hospedados na casa de sua tia Vitória. Um pouco mais afastados, Diana – filha de Julien – e seu marido Paulo, professor da aldeia e nascido em Vigia, Pará, preparam-se para construir uma casa nova. O filho mais velho, muito dotado, também estuda em Oiapoque, aos cuidados de sua

tia Cristina. O casal tem mais três meninas e Diana está grávida novamente. Paulo tem pouquíssimos alunos e um dia chegará que não haverá mais nenhum, o que o obrigará, junto com a família, a deixar a aldeia. Por enquanto ele está feliz, passou no vestibular oferecido pelo governo do Amapá em Oiapoque e Laranjal do Jari para professores que estejam efetivamente ensinando. Sua cabeça, recentemente raspada, é marca de *status* e de novas esperanças.

Vavá, índio de Santa Isabel, chefe de posto e enfermeiro da aldeia, está de férias. Encontrei-o em Oiapoque, bom amigo como sempre. Como sempre também deixei para ele um presente, *A Viagem do Descobrimento* de Eduardo Bueno. O livro passará de mão em mão e da próxima vez comentaremos as idéias e opiniões do autor.

As majestosas mangueiras da aldeia continuam esbanjando sombra e raízes pelo chão. A velha escola onde eu, Antonella e Dionísio (12) ficamos hospedados em 1990 está em ruínas. Escrevíamos apoiados na varanda à luz de vela e até altas horas da noite, histórias de curupira, lobisomem e moças menstruadas. Hoje uma vegetação frondosa e florida invadiu os cômodos e o salão. A capela não existe mais. A estátua de São José e os outros santos do altar estão em cima de uma mesa, em um canto da escola nova, lugar do culto, por enquanto. O porto, a ponte de madeira, a vista para o lado francês, os altos buritis com os seus cachos de frutas dourados nas margens do Rio Oiapoque, tudo está aí, como sempre, paisagem tão conhecida e esperada.

Este ano, em outubro, o imenso ipê amarelo estava em flor e no chão um tapete luminoso de folhas caídas chamava a nossa atenção. Em maio é o jambeiro que solta milhares de flores que formam extensas manchas avermelhadas ao redor da árvore.

Centenas de ninhos de japim cobrem as mangueiras. Estes passarinhos são barulhentos e atarefados, tão inquietos que às vezes um deles cai no chão, ferido, sem esperanças de sobreviver.

No primeiro dia, na minha chegada, me senti muito cansada e precisei ficar de re-

11 Aldeia Karipuna no Rio Curipi, Amapá.

12 Antonella I. Tassinari é professora da Universidade Federal de Santa Catarina e naquela época doutoranda do PPGAS-USP. Dionísio dos Santos Karipuna, índio da aldeia do Manga no Rio Curipi.

pouso, sem ânimo para nada, nem mesmo para comer. Mas na manhã seguinte o mal-estar já havia passado. Tinha, como das outras vezes, um quarto só para mim. Estendi a minha rede, gozando finalmente de um pouco de conforto e privacidade. De noite, o costume é dormir com a porta aberta, protegidos pela luz pálida de uma lamparina que Lod colocava no corredor. Os dias passados na casa do meu amigo Geraldo Lod e de sua filha Thérèse foram extremamente calmos, bem programados e proveitosos para o avanço de nosso trabalho conjunto. Lod dirigia-se todas as manhãs para a sua roça, onde trabalhava até a hora do almoço. Thérèse e eu mesma o acompanhávamos e, pela primeira vez, descrevi melhor as plantações dos Galibi e o trabalho na lavoura. Outubro é também época de muitas frutas, como o abiu e o caju, colhidas com técnicas apropriadas para que não caíssem e se esmagassem no chão.

Após o almoço, sentados nos bancos da mesa da cozinha, com as persianas meio fechadas para nos proteger do sol, um em frente do outro, trabalhávamos até as cinco ou seis da tarde. Prevalecia o sentimento de que estávamos conversando sobre coisas importantes, interessantes, cheias de senti-

do para nós. Às vezes o ambiente era de pura magia, transportando-nos bem longe de onde estávamos. Não faltavam, porém, o *franc-parler*, o bom humor e mesmo momentos de confronto. Naquelas horas, Thérèse, sempre discreta, acabava de arrumar a casa, recolhia a roupa do varal e preparava o nosso lanche.

No dia 24 de outubro demos fim às nossas conversas, satisfeitos. Missão cumprida. A tarde foi consagrada a visitas e despedidas na aldeia. Tudo estava programado. No dia seguinte todos iriam a Oiapoque para votar e de tarde Lod iniciaria uma longa viagem de ônibus, fretado para um grupo de “terceira idade”, que o levaria até o Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Suas amigas madame Modestine de Saint Georges e dona Trindade de Ariramba também participariam dessa empreitada.

No dia 25, bem cedo, embarcamos todos na voadeira de Lod, pilotada por Nonato. Santa e Miguel também nos acompanhavam. Eles me deixaram em Oiapoque, em frente ao posto de gasolina. A despedida, como sempre, foi rápida. Nonato e Lod desceram novamente o barranco até o barco, seguindo rumo ao centro da cidade.